



NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?

Kabengele Munanga¹

Conferência de abertura proferida por Kabengele Munanga no III Pensando Áfricas e Suas Diásporas - Encontro de Antropologia e Educação - I Seminário Municipal de Formação de Professores Para Relações Étnico-Raciais - Organizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Ouro Preto - de 26 a 28 de setembro de 2012.

BLACKNESS AND BLACK OR AFRICAN DESCENT IDENTITY: A CASE OF REVERSE RACISM?

Opening Lecture delivered by Kabengelê Munanga in the 3rd edition of the Meeting of Anthropology and Education - Thinking About Africa and Its Diasporas - 1st Municipal Seminar for the Teachers' Formation Toward Race and Ethnic Relations - Organized by the Center for African-Brazilian Studies at the Federal University of Ouro Preto - from September 26th to September 28th, 2012.

NEGRITUD E IDENTIDAD NEGRA O AFRODESCENDIENTE: ¿UN RACISMO INVERTIDO?

Conferencia de abertura proferida por Kabengelê Munanga en el III Pensando África e suas Diásporas - Encontro de Antropologia e Educação - I Seminário Municipal de Formação de Professores para Relações Étnico-Raciais - organizado por el Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros de la Universidade Federal de Ouro Preto, del 26 al 28 de septiembre de 2012.

NÉGRITUDE ET IDENTITÉ NOIRS OU ASCENDANCE AFRICAINE: UN RACISME L'INTÉRIEUR?

Conférence d'ouverture donnée par Kabengele Munanga dans la III Pensando África e suas Diásporas - Encontro de Antropologia e Educação - I Seminário Municipal de Formação de Professores para Relações Étnico-Raciais - Organisé par le Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros à l'Université fédérale d'Ouro Preto-26 a 28 Septembre 2012.

Além da identidade nacional brasileira, que reúne a todas e todos, estamos atravessados/as por outras identidades de classe, sexo, religião, etnias, gênero, idade, raça, etc., cuja expressão depende do contexto relacional. A identidade afro-brasileira ou identidade negra passa, necessária e

¹ Possui Graduação em Antropologia Cultural pela Université Officielle Du Congo à Lubumbashi (1969) e Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1977). É Professor Titular da Universidade de São Paulo.



absolutamente, pela negritude enquanto categoria sócio-histórica, e não biológica, e pela situação social do negro num universo racista.

Enquanto processo, essa identidade se constrói paralelamente à identidade nacional brasileira plural, num país cuja mestiçagem é inegável. Podemos, por isso, considerar esse processo de construção da identidade negra como a negação da mestiçagem que alguns consideram como maior símbolo da identidade nacional? Num país onde não existe um discurso articulado em torno da identidade “branca” ou “amarela”, poder-se-ia considerar o discurso sobre a identidade negra como um racismo ao avesso? As duas perguntas constituem o centro da análise que pretendo fazer sobre o tema da palestra anunciada.

Falar de identidade negra no Brasil supõe a existência de outras identidades, além da nacional. O que nos remete ao contexto de um país multicultural e multirracial, ou seja, ao multiculturalismo. Ora, todos os termos que terminam com -ismo, remetem às ideologias, concepções e visões do mundo, correntes de pensamento, doutrinas, crenças, etc. Assim, palavras como capitalismo, socialismo, marxismo, iluminismo, universalismo, maoísmo, evolucionismo, funcionalismo, modernismo, catolicismo, protestantismo, evangelismo, messianismo, etc.

O ponto de partida do multiculturalismo é a existência, no seio de uma mesma sociedade, mesmo estado, nação, território geográfico, etc., de mais uma cultura, uma comunidade (religiosa, linguística, cultural, étnica, etc.). Além dessas comunidades que produzem culturas comunitárias, supõe-se a existência de uma única cultura nacional que se sobrepõe às outras. Esta negação de outras comunidades e suas culturas pode engendrar conflitos culturais ou identitários, chegando, em alguns países, a provocar processos de separação ou de autonomias políticas dentro de um mesmo Estado Federativo. Em outras sociedades, a exemplo do Brasil, as comunidades, embora não reivindiquem a separação e a autonomia política, querem que suas culturas, histórias e visões do mundo sejam reconhecidas publicamente e integradas à história nacional e ao processo educacional nacional.

O multiculturalismo é justamente essa corrente de pensamento, filosofia, visão do mundo ou ideologia que defende o reconhecimento público da existência das diferenças no seio de uma nação. Esse reconhecimento pode ter diversas tendências: (1) tendência separatista, no exemplo da Espanha, Bélgica, Canadá, entre outros – (2) tendência segregacionista, no exemplo do regime do *apartheid* na África do sul – (3) tendência inclusiva ou integracionista, no exemplo do Brasil e de alguns países da América do Sul. Assim, os três tipos ou tendências multiculturalistas podem engendrar três tipos de nacionalismos capazes de criar conflitos e violências.

Quando falamos de nacionalismo, devemos de maneira sucinta, distingui-lo classicamente em três formas: (1) o nacionalismo cívico que resulta da nação cívica ou política que se quer aberto para incluir o maior número de cidadãos e cidadãs em torno da aceitação das regras



comuns de um contrato social cujo o Estado é fiador; (2) o nacionalismo cultural fundamentado na partilha em comum de um legado de memórias e tradições ou de uma herança cultural e linguística que une os membros de uma comunidade, oferecendo-lhes afabilidade e densidade, ou seja, certa maneira de viver em comum. Às vezes, embora o Estado participe ativamente da construção da herança cultural comum, é possível que o nacionalismo cultural se produza contra o Estado ao propor um modo de vida em comum, oposto ao nacionalismo contratual; (3) o nacionalismo étnico, ou seja, a afirmação de uma distinção de formação étnica. Pode haver, neste tipo de nacionalismo, a rejeição de outra comunidade, operando-se sob o registro “racial”, sob o registro “religioso”. Os três tipos de nacionalismo, praticamente distintos carregam germes de violências. Exemplos: Irlanda do Norte, Espanha, países muçulmanos, Canadá, Bélgica, Nigéria, Estados-Nações, etc.. Fique claro que no Brasil, as outras comunidades não buscam a separação, mas apenas a inclusão de suas diferenças na história e no processo educacional.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE

O discurso sobre identidade negra só tem sentido num contexto plural, ou seja, multicultural. Por isso, escrevi um livro com o título “Rediscutindo a mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra”. A identidade é essa realidade da qual todo mundo fala, mas sem poder dizer claramente o que ela significa e em que ela consiste. Tenho quase certeza absoluta que se perguntar para cada um e cada uma de vocês presentes neste auditório, para dizer o que entendem por identidade, teremos respostas e definições diferentes. Isto quer dizer que não dizemos todos a mesma coisa quando pronunciamos a palavra identidade negra.

Por isso, a primeira coisa a fazer é definir identidade em termos gerais e a partir dessa definição geral, tentar deliberar o que é a identidade negra; em que ela consiste; quais são seus elementos constitutivos e para que serve no discurso dos que falam dela. Se entendemos a identidade, em termos gerais, como um processo que passa pelo discurso e não algo fixo estático e acabado, como se processa essa identidade no que diz respeito à identidade negra? Se conseguirmos minimamente desenvolver esses tópicos, creio que podemos sair deste auditório com uma ideia mínima sobre o significado da identidade negra e, conseqüentemente, responder a pergunta colocada no título desta conferência, ou seja, a questão de saber se o discurso sobre a identidade negra no Brasil é um racismo ao avesso.

O QUE É IDENTIDADE?

Ao nascer, recebemos um nome próprio que nos diferencia de nossos irmãos e nossas irmãs e de nossos próprios pais e mães. Nomes que geralmente indicam nosso gênero, ou seja,



que diz se somos homens ou mulheres, meninos ou meninas. A este nome se acrescentam sobrenomes das famílias do pai e da mãe. Isto é a nossa identidade individual formada em composição da identidade pessoal, pelo nome, e da identidade familiar, pela adição dos sobrenomes das duas famílias, do pai e da mãe. Para que serve essa identidade individual, que nos é atribuída obrigatoriamente por nossos pais? - Para marcar a diferença! Mas por que marcar a diferença? - Para mostrar que existimos, porque somos indivíduos diferentes dois demais presentes, passados e futuros. Até as pessoas gêmeas univitelinas, difíceis de distinguir aparentemente têm de ter nomes diferentes para marcar a identidade de cada. Resumidamente, o verdadeiro significado, ou seja, a verdadeira função da identidade individual é ontológica (sendo a ontologia, no campo da filosofia, que estuda as propriedades mais gerais do ser). Neste sentido, a identidade individual faz parte do processo de construção do ser, significando sua existência.

Por isso, não existe uma pessoa no mundo, homem ou mulher, que não tem nome como primeiro constitutivo de sua identidade individual. Nas sociedades modernas, a identidade individual é materializada pela carteira de identidade, sem a qual a pessoa não existe oficialmente. Em sociedades tradicionais, não se utilizam carteiras de identidade, pois além de nomes possuem outras marcas identitárias: uma escarificação, uma pintura corporal, um penteado, uma mutilação dentária, um colar, uma perfuração no nariz, na orelha, etc.

No entanto, o foco desta conferência não é a identidade individual, mas sim a identidade coletiva. Estamos falando de nome pessoal como primeiro constitutivo ontológico da identidade individual. Pergunto a vocês, se no plano coletivo alguém neste auditório conhece algum país, povo ou nação, alguma religião, alguma organização sem nome? Por que as nações, países, povos, religiões, etnias, línguas, organizações nacionais e internacionais precisam de nome? Certamente, pelas mesmas razões que as pessoas.

IDENTIDADE COLETIVA, O QUE É?

É uma categoria de definição de um grupo. Esta definição pode ser feita pelo próprio grupo através de alguns atributos selecionados no seu complexo cultural (língua, religião, arte, sistemas político, economia, visão do mundo), de sua história, de seus traços psicológicos letivos, etc., entendidos como mais significativos do que outros e que o diferenciam de demais grupos ou comunidades, religiões, nações, etnias, etc. O que “nós”, antropólogos, chamamos de sinais diacríticos. Trata-se aqui da identidade como categoria de autodefinição ou autoatribuição, que sem dúvida carrega uma carga de subjetividade e de preconceitos em relação aos outros grupos.

A identidade coletiva, em vez de ser uma autodefinição ou autoatribuição, pode ser uma identidade atribuída por outro grupo através de outros sinais diacríticos que não foram



selecionados pelo próprio grupo. Trata-se aqui da identidade como categoria de hétero-definição ou hétero-atribuição. Neste sentido, quando os europeus entraram pela primeira vez em contato com povos diferentes deles: ameríndios, africanos, asiáticos, atribuíram a esses povos identidades coletivas, de acordo com seu olhar cultural, identidades que nada tinham a ver com as que esses povos se autoatribuíam.

Quando “nós” pesquisadores (antropólogos, sociólogos, psicólogos, historiadores, educadores, etc.), estudamos outras sociedades e culturas, descrevemos também suas identidades através das características culturais, históricas, linguísticas, religiosas e outras que consideramos objetivos. Daqui, vocês podem perceber ou deduzir que não fica muito claro quando falamos de identidade. Com efeito, de que identidade se trata e da qual falamos exatamente: identidade atribuída pelo pesquisador através de critérios ditos objetivos, identidade como categoria de autodefinição ou autoatribuição, identidade atribuída ao grupo pelo grupo vizinho ou longínquo.

IDENTIDADE COMO CATEGORIA DE AUTODEFINIÇÃO

O que interessa a nosso propósito é a identidade vista do ponto de vista da comunidade negra através do seu movimento social e de suas entidades políticas. O primeiro fator constitutivo desta identidade é a história. No entanto, essa história, mal a conhecemos, pois ela foi contada do ponto de vista do “outro”, de maneira depreciativa e negativa. O essencial é reencontrar o fio condutor da verdadeira história do Negro que o liga à África sem distorções e falsificações. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que cria, constitui uma relação de segurança mais sólida para cada povo. É a razão pela qual cada povo faz um esforço para conhecer e viver sua verdadeira história e transmiti-la para as futuras gerações. Razão pela qual o afastamento e a destruição da consciência histórica era uma das estratégias utilizadas pela escravidão e colonização, para destruir a memória coletiva dos povos escravizados e colonizados.

Por isso, no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial.

Daí a necessidade e importância de ensinar a história da África e a história do negro no Brasil a partir de novas abordagens e posturas epistemológicas, rompendo com a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer subsídios para a construção de uma verdadeira identidade negra, na qual seja visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro, apesar das



desigualdades raciais resultantes do processo discriminatório.

Além da história, outro fator constitutivo da identidade negra é a cultura (religiões, artes, medicinas, tecnologias, ciências, educação, visões do mundo, etc.) Geralmente, quando se fala dos povos que construíram o Brasil, pensam-se logo em colonizadores portugueses, imigrantes italianos, alemães, espanhóis, árabes, sírio-libaneses, orientais (em especial os japoneses), etc. No imaginário coletivo, acredita-se que os africanos foram trazidos aqui depois de sua captura, apenas como primitivos que chegaram “nus” acorrentados e, como todos os primitivos, não trouxeram nada ao Brasil que importasse para ser considerado como uma contribuição digna de nome. No entanto, os aportes culturais africanos fazem parte do cotidiano de todos os brasileiros: culinário, artes musicais, visuais, religiões populares, breve, estão presentes na maneira de ser brasileiro e brasileira. De fato, a cultura brasileira no plural e sua identidade nacional foram modeladas pelos aportes da população negra. Estas contribuições culturais precisam ser resgatadas positivamente, desconstruindo imagens negativas que fizeram delas e substituindo-as pelas novas imagens, positivamente reconstruídas. É por isso que a Lei Federal 10.639/3 exige que a cultura negra no Brasil seja ensinada na Escola brasileira de maneira positiva e que esse ensinamento possa oferecer subsídios de qualidade capazes de auxiliar no processo de sua identidade.

As línguas são também consideradas outro fator constitutivo da identidade. No caso dos afrodescendentes, as línguas se perderam no contexto escravista. Porém, não devemos considerar que a crise foi total, porque nos terreiros “religiosos” de candomblé, resistiu uma linguagem esotérica africana enriquecida pela língua portuguesa, que serve de comunicação entre os humanos e os deuses, constitutiva de identidades no plano da religiosidade negra. Daí a necessidade de ensinar algumas línguas africanas de onde são oriundos os falares e cantigas religiosas resistentes nos espaços dos cultos religiosos de matrizes africanas. A demanda existe, mas dificilmente se encontrará uma universidade brasileira que se preocupa com isso.

O fator psicológico é outro fator constitutivo da identidade. Mas neste caso, devemos perguntar-nos se existe um temperamento do negro diferente do temperamento do branco que podemos considerar como característica de sua identidade. Tal diferença, se for comprovada, deveria ser explicada a partir notadamente do condicionamento histórico do negro dentro da estrutura sociopolítica assimétrica, e também de acordo com suas estruturas sociais comunitárias, e não com bases nas diferenças biológicas, como pensaram os racialistas e racistas ocidentais.

Vocês, professoras e professores, por favor, observem seriamente os comportamentos na sala de aula entre vocês e seus alunos e suas alunas, negras e negros, entre vocês e seus alunos e suas alunas, brancos e brancas, os comportamentos entre alunos negros e alunos brancos, os comportamentos entre os alunos negros entre si. Creio que além dos preconceitos inegáveis, vocês poderão descobrir alguns comportamentos comuns a todos os alunos negros que podemos



considerar como uma característica de sua identidade psicológica coletiva. Mais do que isso, tentam entender porque essas diferenças. Por exemplo: o riso negro, o olhar negro, o abraço negro, a postura negra nos espaços frequentados majoritariamente pelos brancos, nos espaços frequentados majoritariamente pelos negros. O que está por traz da letra da música que fala de um sorriso e de um abraço negro?

POR QUE A IDENTIDADE NEGRA?

Alguém, alguma pessoa, entre os presentes já leu algo, um texto, um livro, um artigo sobre a identidade branca, sobre a identidade amarela? Falar da identidade negra significa que esta identidade passa, em seu processo de construção, pela cor da pele. O que significaria que essa identidade tem a ver com a tomada de consciência da diferença biológica entre “Branços” e “Negros”, “Amarelos” e “Negros” enquanto grupos. É importante frisar que a negritude embora tenha sua origem na cor da pele negra, não é essencialmente de ordem biológica. De outro modo, a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.

Tomada de consciência de uma comunidade de condição histórica de todos aqueles que foram vítimas da interiorização e negação da humanidade plena pelo mundo ocidental, a negritude deve ser vista também como confirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas.

VIVEMOS UMA ÚNICA IDENTIDADE COLETIVA, ALÉM DA IDENTIDADE INDIVIDUAL?

Não! No processo do nosso crescimento e construção social, adquirimos novas entidades coletivas. Por exemplo: se fizermos parte do processo de mobilização política na comunidade negra, adquirimos a identidade política coletiva negra; se formos mobilizados enquanto mulher no movimento feminista, adquirimos a identidade coletiva feminina; se aderirmos a uma comunidade religiosa, adquirimos a identidade coletiva religiosa; dependendo da região geográfica do Brasil onde nascemos ou vivemos, podemos adquirir a identidade gaúcha, mineira, baiana, italiana, etc.;



fora do país no estrangeiro, a identidade nacional brasileira pode se sobrepor às outras. Resumidamente, somos atravessados por uma pluralidade de identidades coletivas que, dependendo do contexto relacional se expressam mais fortes que as outras.

QUAL É A RAZÃO DE SER DE TODAS ESSAS IDENTIDADES COLETIVAS?

Uma Yalorixá ou um Babalorixá em seu terreiro, um padre em sua paróquia, um pastor evangélico em sua igreja, um rabino em sua sinagoga, um muçulmano em sua mesquita, todos vivem coletivamente suas identidades religiosas e pregam os valores de suas religiões, às vezes, com preconceitos em relação às outras religiões, ora para formar clientela, ora para criar coesão e unidade entre os fieis. São identidades de resistência que quando enxertadas de intenções políticas criam conflitos conhecidos na história da humanidade, tais como guerras santas, cruzadas, inquisições, guerras das religiões na Irlanda do Norte, na Nigéria, em Kosovo, etc.

Muitas de nossas identidades coletivas que se processam pelo discurso têm conteúdo e finalidades políticas, visando às mudanças na sociedade. Neste sentido, a identidade negra que reuniria todos os negros e todas as negras é a identidade política. Nela se encontram negros e negras de todas as classes sociais, de todas as religiões, de todos os sexos, porque juntos todos são vítimas da discriminação e exclusão raciais. Neste sentido também, a identidade feminina que reúne todas as mulheres ricas, médias e pobres de todas as religiões, é também uma identidade política, porque essa identidade mobiliza mulheres de classes sociais e religiões diferentes sob uma mesma bandeira, não somente para que as mulheres sejam reconhecidas pelos homens, mas sim e, sobretudo para transformar a sociedade, tornando homens e mulheres numa humanidade encarnada por todos os sexos.

O discurso identitário da elite ou classe dominante é diferente do discurso das classes dominadas ou subalternizadas. Quando os negros, através de suas entidades sociais, falam de sua identidade que deve passar pela negritude, a elite através de seus intelectuais orgânicos os criticam dizendo que eles querem dividir o Brasil, pois “nossa” identidade é única e mestiça (ver a respeito o livro *Divisões Perigosas*). Essa crítica tem a ver com o fato de não existir um discurso político sobre a identidade branca apesar de esta existir tacitamente, pois todos têm consciência das vantagens que a branquitude lhe oferece nesta sociedade!

Finalmente, por que não escutam os discursos politicamente articulados em nossa sociedade sobre a identidade branca, a identidade masculina, a identidade burguesa, a identidade dos heterossexuais, etc.? Justamente porque brancos, homens, burgueses, adultos, heterossexuais são vitoriosos, estão no topo da pirâmide social, política e econômica, portanto eles não têm necessidade nenhuma para se mobilizar politicamente, para reivindicar e negociar o que já têm



consolidado na sociedade. O tigre não precisa proclamar e gritar sua tigridade, pois ele domina a selva de que é rei. São os mais fracos que precisam se mobilizar para defender sua existência, daí a razão de ser de suas identidades coletivas.

Obrigado!!

Recebido em outubro de 2012
Aprovado em outubro de 2012²

² A Equipe Editorial da Revista da ABPN agradece ao Professor Kabengele Munanga pela gentileza em ceder o texto para publicação.